

**Novos caminhos, velha segregação:  
Florianópolis e a construção de novos espaços de elite**

Thiago Leandro de Souza<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho propõe uma breve análise da construção de novos espaços de segregação social e espacial na Ilha de Santa Catarina, tendo como foco principal o surgimento do empreendimento Jurerê Internacional. A discussão gira em torno das diferentes visões de cidade encontradas dentro deste novo tipo de enclave, onde os muros, comuns em condomínios fechados, são substituídos por outras formas de exclusão. Analisamos aqui a construção de comunidades planejadas. A utilização do planejamento urbano e comunitário em Jurerê Internacional, como modelo de cidade idealizada, que procura valer-se da implementação de políticas públicas de construção da imagem turística de Florianópolis.

**Abstract:** This work proposes a brief review of the construction of new spaces of social and spatial segregation on the island of Santa Catarina, with the focus on the appearance of the venture Jurerê Internacional. The discussion revolves around the different views of the city found within this new type of enclave, where the walls, common in closed condominiums, are replaced by other forms of exclusion. We analyzed the construction of planned communities. The use of urban planning and community in Jurerê Internacional, like a model of idealized city, who demand the implementation of public policies of construction of the Florianópolis tourist image

**Palavras Chave:** Segregação, Planejamento, Modernização, Cidade

### **Introdução**

Para alguns estudiosos, as cidades representaram em determinados contextos históricos, no mundo ocidental, idéias mais ou menos difusas de liberdade e segurança, ou de local de tranqüilidade e descanso. Em fins da Idade Média, as grandes revoltas de camponeses davam-se em grande medida sob a influência de centros urbanos, a partir dos quais difundiam-se relações mercantis e novas perspectivas de vida, com a possibilidade de escapar da servidão. Um provérbio de então afirmava: “O ar das cidades dá liberdade”.<sup>2</sup> As cidades possuíam muros que as protegiam de um mundo externo povoados de perigos e desafios. Mais tarde, esta conotação foi alterada, mas manteve boa parte de seu significado: para os modernos, a cidade constituiu-se em lugar para fugir da “barbárie”, lugar do novo e do progresso. Um filósofo como Voltaire vai defender apaixonadamente o caráter de liberdade que a cidade moderna proporcionaria ao homem, uma liberdade garantida pelas múltiplas possibilidades de lucro e de prazer. A cidade neste contexto rivaliza com o campo e serão criadas imagens características para estes dois espaços, o campo como local de rusticidade e

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina.

<sup>2</sup> ANDERSON, Perry. Passagens da antiguidade ao feudalismo. Porto: Afrontamento, 1982. p. 230-231.

atraso, enquanto a cidade seria o local apropriado para o desenvolvimento das civilidades e do controle da natureza, o que Maria Stella Brescianni classificaria como a cidade acolhedora (BRESCIANNI, 1998).

Recentemente, estas oposições ganharam nova difusão, com o fenômeno das grandes cidades tornando-se parte constitutiva das relações sociais contemporâneas. Contudo, a grande cidade touxe novos elementos que a fazem gerar sensibilidades contraditórias, as quais nem sempre dizem respeito à liberdade e à civilidade.

A cidade de Florianópolis apresenta justamente algo próximo a este conflito, entre natureza e civilidade. Outros conflitos mais complexos se interpõem na discussão sobre as necessidades da cidade. A fuga de grandes centros, agora associados a desconfortos e medos, engendra a valorização da natureza, encontrada nas imagens paradisíacas dos anúncios publicitários de agências de viagens, de construtoras e da publicidade de órgãos oficiais de turismo. Contudo, ao mesmo tempo em que surge como o estímulo, a natureza também surge como uma barreira à expansão da cidade e de suas características de inovação e progresso, ocorre então um processo de tensões importante: o progresso deve ser estimulado para atender as necessidades de desenvolvimento, as quais estariam vinculadas à vocação turística da Ilha de Santa Catarina, decorrente justamente de suas características naturais, as quais aparecem, portanto como condição para a construção da cidade modernizada que se almeja, mas também como refúgio em relação a uma urbanidade considerada nociva. O conflito se instala quando justamente estas belezas naturais são ameaçadas pelo dito progresso da cidade. Ou seja, uma cidade, moderna, cujo desenvolvimento é atrelado às suas vocações naturais é extremamente desejada, porém a cidade construída sob estes ideais passa a representar uma ameaça a ela mesma, na medida em que seu passado e presente se reinventam.

O que observamos é a existência de um conflito entre a cidade almejada e construída, e um passado nostálgico, onde a natureza se confundia com as relações sociais estáveis e tranquilas. Contudo, muitas dessas imagens, hoje valorizadas, representavam para os que contemporâneos, pouco mais do que atraso e estagnação. A cidade dialoga constantemente com esse passado, através de contradições. Aquilo que o próprio Voltaire criticará: a defesa do passado já desaparecido (SCHORSKE, 1989:48). Uma espécie de contradição constante expresso pelo convívio entre a velha Desterro, a vila, e a nova Florianópolis, a cidade. Ambas são evocadas, desejadas e simultaneamente repelidas, de acordo com as necessidades que se apresentarem; passado e presente convivem tentando a busca de um equilíbrio pelo futuro da cidade.

Os discursos sobre Florianópolis são quase sempre repetitivos. Desde a década de 1980 chama-se a atenção para os mesmos problemas e destaca-se sempre a vocação da ilha para o turismo. Já em 1977 uma matéria publicada no semanário Bom Dia Domingo intitulada “A ilha é linda o que é um perigo”<sup>3</sup> uma turista carioca destaca as qualidades de Florianópolis, mas faz ressalvas acerca da atividade turística: “turismo? Tudo bem. Mas em primeiro lugar há que pensar na cidade, na ilha, nas pessoas que aqui vivem. Turismo? Está certo mas em primeiro lugar, pensar planejar.” O planejamento aconteceu, fundamentalmente através de investidores privados que passaram a planejar o futuro da cidade, tendo em vista transformá-la em uma possível atuante no mercado turístico brasileiro.

### **Modernização, crescimento e turismo**

Cabe aqui um breve salto na narrativa até os dias atuais. Em 25 de janeiro de 2008 uma matéria era destaque na página principal do sitio brasileiro UOL. A chamada sugere que quase 30 anos depois a cidade anda sobre o mesmo fio: “Crescimento e turismo desordenados ameaçam encantos de Floripa”<sup>4</sup> A matéria discorre sobre as belezas e vantagens de Florianópolis, que é insistentemente chamada de Floripa, mas demonstra que apesar do disfarçado paraíso já se convive com problemas dos mais diversos. A cidade ainda não estava perdida em 1977, nem está totalmente perdida em 2008 segundo as reportagens.

O que mudou então, na cidade de Florianópolis? A cidade cresceu muito. Talvez este seja a afirmação mais ouvida se fizéssemos essa pergunta à população mais antiga da cidade. Pelo menos é o que as pessoas com quem conversamos, que presenciaram estes últimos anos alegam. Assim como quase todas as capitais do país de fato a cidade de Florianópolis teve um amplo crescimento populacional. Segundo dados do IBGE em 1980 a população estimada era de 187.871 habitantes. Em matéria publicada em 1996 pelo jornal Diário Catarinense no encarte especial “Florianópolis: origens e destino de uma cidade a beira mar” a estimativa era de que em 2015 o município alcançasse população de 400.000 habitantes, destacando que “considerando os atuais problemas de abastecimento de água, saneamento e transporte, não será difícil imaginar as dificuldades desse cenário”<sup>5</sup>. As estimativas de 2007 apontam que o número de habitantes já teria sido atingido, e o agravamento dos problemas descritos certamente já pode ser percebido. Os dados oficiais do Censo de 2000 apontam para uma população de 341.781 habitantes. Florianópolis atua como um atrativo populacional, principalmente devido à publicidade turística que associa a cidade a um lugar de baixa criminalidade, com belezas paradisíacas e tranqüilidade.

O turismo é sempre lembrado como o elemento conciliador das aspirações da cidade, como nesta matéria publicada em 1977: “numa cidade como Florianópolis em que a cultura

<sup>3</sup> Jornal *Bom Dia Domingo*, Florianópolis, 27 de Março de 1977, n° 40, p. 09.

<sup>4</sup> Disponível em <http://noticias.uol.com.br/ultnot/2008/01/25/ult23u1032.jhtm> acessado em 25/01/2008

<sup>5</sup> Suplemento Jornal *Diário Catarinense*. DC Documento, Florianópolis 12 de março de 1996. p.11

(pela presença da universidade) e o turismo (pelas belezas naturais) são vocações indisfarsáveis”<sup>6</sup>. Partindo desta suposta vocação já era possível encontrar na época uma frequente exigência de investimentos do poder público no desenvolvimento do mercado turístico. Certas resistências ao aumento do fluxo de turistas, no entanto, eram verificadas e, em geral, fortemente desqualificadas: “pensar que estimular empreendimentos turísticos é entregar a ilha aos “estrangeiros” é pensar pequeno e errado”<sup>7</sup>

O fato relevante a ser apresentado é que as diferentes ocupações que ocorreram em diferentes épocas e de diferentes formas, vão culminar com diferentes experiências urbanas e diferentes olhares sobre a cidade. Aqueles moradores que se fixaram na cidade nas décadas em que ocorreram empreendimentos imobiliários no centro, ou os que ocuparam outros bairros da cidade, como Trindade e Itacorubi, devido à implantação de diversos empreendimentos estatais, experimentaram a cidade de diferentes maneiras.

Outro fator importante é a implementação de vias de circulação. Ao mesmo tempo que o centro se verticaliza a cidade começa a passar por um processo de horizontalização, expandindo suas possibilidades territoriais ao entrar no chamado “mundo da via expressa”. A construção dos aterros e também da Beira Mar Norte, finalizada em fins da década de 1970 são pontos marcantes desta mudança, que em Florianópolis apesar de terem reconfigurado completamente a cidade, a “aventura moderna” da capital naquele momento não foi tão dramática nem teve um personagem tão marcante quando Robert Moses na Nova Iorque descrita por Marshall Berman.

Percebemos que todo este processo de transformação e modernização está intimamente ligado ao crescimento populacional, por meio da migração e que em grande parte esse processo culminará com a oposição entre as formas de percepção bem como as expectativas sobre a cidade. Os problemas da cidade são constantemente justificados pela presença do elemento “de fora” principalmente de baixa renda que frequentemente é associado a uma criminalidade crescente, enquanto as elites apenas buscam possibilidades de se exilar do contato com estas camadas alterando profundamente os ritos públicos de interação social.

A disputa entre a antiga vila de Desterro e a cidade de Florianópolis continua, novas e agora modernas vilas são abertas a partir de estudos e investimentos cautelosos e detalhadamente planejados, que objetivam aquilo que é mais valorizado no capitalismo: capacidade de constituir um produto de valor agregado. A transformação do espaço em

---

<sup>6</sup> *Jornal Bom Dia Domingo*, Florianópolis, 11 de dezembro de 1977, nº 77, p.10

<sup>7</sup> *Jornal Bom Dia Domingo*, Florianópolis, 1º de outubro de 1978, nº 119, p.2.

produto comercializável não é nenhuma novidade, pelo menos oficialmente desde a lei de terras do Império Brasileiro em 1850 a terra é um produto passível de comércio, a diferença é que investidores e empreendedores aprendem aos poucos a desenvolver mecanismos de valorização do espaço, mecanismos estes que passam pela construção de imaginários à partir da venda de conceitos.

As novas vilas são cercadas de equipamentos que sejam garantia de conforto e de segurança, garantias de liberdade ainda que vigiada, e buscam aliar idéias como qualidade de vida, comodidade e distinção social. Verdadeiros muros invisíveis são edificados na cidade para criar estes espaços. Em Florianópolis há cerca de trinta anos uma nova e especialmente bem planejada “vila” emergiu ao norte da Ilha de Santa Catarina, o residencial, como agora é chamado, Jurerê Internacional:

O “sobrenome” Internacional foi adotado para diferenciar o empreendimento – pelo conceito de estilo de vida - de Jurerê, que já existia e que, com o passar do tempo, ficou conhecido como o Jurerê “tradicional” ou Jurerê “antigo”. Apesar desta diferenciação de nomes, pelos registros da prefeitura ambos são um bairro único.<sup>8</sup>

### **Jurerê Internacional: conceito, comunidade e planejamento urbano**

Localizado numa praia do norte da Ilha de Santa Catarina, uma nova ou idealizada noção de comunidade passa a ser desenvolvida, trazendo benefícios ao seu empreendedor, pois confere a este espaço uma importante agregação de valor no mercado imobiliário. Um lote em Jurerê, deixa de ser simplesmente um espaço físico e passa a ser um conceito. Jurerê Internacional é consumido como um produto que oferece uma idéia: uma idéia de comunidade. Comunidade planejada, como afirma a empresa que administra o lugar, ou construída a partir da promoção de discursos diversos, partindo da própria publicidade acerca do empreendimento: “Jurerê Internacional é estilo de vida, um lugar onde a sofisticação convive com a tranquilidade” e ainda “morar em Jurerê Internacional é saber viver a vida intensamente, com bom gosto, sofisticação e paz de espírito”. Um produto especialmente desenvolvido para determinado público, de preferência reduzido: “você e seus poucos e seletos vizinhos, desfrutam de todo o conforto, bem estar e requinte”<sup>9</sup>.

Mas a comunidade planejada é constituída a partir de uma pré-condição necessária: este espaço “selecionado” e pretensamente requintado oferece algo que não pode ser explicitamente dito e propagado. A exclusividade do morar bem e a qualidade de vida anunciada e buscada

---

<sup>8</sup> Jornal Diário Catarinense, Florianópolis, 22 de Maio de 2005. p. 19

<sup>9</sup> Livro de Publicidade. *Arte Dell'acqua III: a vida em estado de arte*. Ilustrado. 12 páginas. Habitasul, Florianópolis, Ano não informado.

dependem, em grande medida, de isolamento em relação às questões urbanas que cercam o empreendimento e, de certo modo, apontam para a valorização da segregação sócio-urbana como algo a ser desejado por quem pretende morar em Jurerê Internacional. Contudo, cabe lembrar que o grande “diferencial” reside no fato de Jurerê Internacional não ser propriamente um enclave fortificado, já que não é, de fato, um condomínio fechado. Além disso, dentro do residencial, a regra é não construir muros e o cuidado com a preservação do espaço público é constantemente repetido. Mas, vale ressaltar: os muros invisíveis em questão aqui não são os da casa, mas os desse espaço público, tão protegido, pois impede que nele seja constituído um espaço de diversidade, fator fundamental a uma cidade.

Os depoimentos colhidos dão conta que, constantemente, o lugar é comparado a uma pequena cidade. De fato, no que diz respeito à disponibilização de serviços e equipamentos, a experiência urbana vivenciada pelos moradores é bastante confortável. Contudo, chama a atenção que todo este aparato é mobilizado a partir de uma série de discursos que podem ser chamados aqui como anti-cidade, ou seja, pretendem evitar justamente uma das principais características da urbanidade moderna: a cidade como local do encontro de estranhos neste espaço, onde a diversidade social e cultural é parte inerente das relações sociais.

Justamente nesse ponto, o discurso comunitário mostra sua capacidade de atrair interessados. A idéia de refugiar-se numa comunidade ideal, tão acalentada em vários movimentos e correntes de pensamento, encontra em Jurerê Internacional uma acepção que merece atenção. A possibilidade de comprar uma comunidade, de adquirir o direito, mediante pagamento, de inserir-se num mundo de segurança e bem estar, faz parte do tipo de intervenção mercadológica proposta pelos empreendedores. Isso foi se construindo aos poucos, com o passar dos anos, a ponto de aproximar-se da noção de comunidade idealizada, assim entendida por Zygmunt Bauman. Segundo o autor, a palavra comunidade está carregada de significados ou ainda de sensações, em geral, associados a algo bom e positivo. Esta discussão parece casar com algumas das percepções que temos ao verificar mais de perto as características de Jurerê Internacional, principalmente no que diz respeito à administração de conflitos e discussões comuns, com a atuação da Associação de Proprietários e Moradores de Jurerê Internacional (AJIN) frente a algumas das ações da Habitasul, empreendedora de Jurerê Internacional.

A idéia de planejamento surge, inicialmente, no plano urbanístico: ruas e lotes bem distribuídos fazem parte da idéia de planejamento de qualquer empreendimento do gênero. Em Florianópolis planejamento é palavra repetida inúmeras vezes ao longo de anos. Mas em Jurerê Internacional o planejamento tomou um caráter diferenciado: trata-se aqui de pretender transcender alguns ideais urbanísticos modernos, caracterizados pelo zoneamento, a

interdependência e as grandes obras de infra-estrutura abrangentes para toda uma cidade, apontando para ações pontuais e em rede, enfatizando a idéia de “sustentabilidade” ou de auto-suficiência, numa pequena área urbana, proporcionando a possibilidade de discutir este processo no âmbito da discussão de comunidade.

Essa comunidade, porém, caracteriza-se por uma série de elementos de distinção, alguns pré-estabelecidos desde sua criação, outros constituídos ao longo da sua existência pelas experiências urbanas vivenciadas. O que chama a atenção é a forma como essa “comunidade” interage com os elementos públicos e privados envolvidos na sua concepção. Chama a atenção a relação com o Estado. Nos depoimentos colhidos e nas publicações consultadas aparece com frequência uma ênfase na independência em relação ao poder público, como se o empreendimento pudesse substituir várias das funções estatais. A comunidade se encarrega de substituí-lo de alguma maneira. Na fala do vice-presidente da AJIN, Aluísio Dobes: “funcionamos como uma mini prefeitura”. Isso parece não ser visto como grande problema pelos seus 600 contribuintes; pelo contrário, é motivo de orgulho para a associação que se diz uma das mais ativas do Brasil.

A associação é construída para manter uma relação sólida e em harmonia com a Habitasul, com a qual a relação comunitária é muito mais próxima. A empresa é inclusive a responsável pelo sistema de abastecimento de água da região. A sensação que se têm é que o limiar entre o público e o privado é mais próximo do que se imagina, e os espaços festejados como públicos, acabam de certa maneira obtendo um caráter privado, já que não são mantidos pelo poder público. A própria inexistência de muros faz das ruas extensões das casas.

A grande questão, no entanto, é: o que é comunidade planejada? A essa pergunta a resposta obtida no depoimento do senhor Carlos Leite foi a seguinte:

nós temos um conceito de desenvolvimento, de um produto urbanístico, no qual Jurerê foi e, acho que continua sendo, o principal laboratório de pesquisas. Porque, de modo geral, os urbanizadores pegam uma gleba de área, fazem um projeto, claro, e fazem as ruas, destinam o espaço pra Praça, uma área verde, um terminal de ônibus e no entanto.. vão embora, ou seja, da mesma maneira um incorporador de um edifício, faz o mesmo, incorpora, constrói, vende e vai embora. A partir desse momento a vida segue com os condôminos ou com os compradores e o nosso conceito é um pouco diferente, nossa questão do desenvolvimento. Nós temos empreendimentos aqui em Florianópolis, nós temos 10 cidades do Rio Grande do Sul, nós temos um empreendimento na Costa Rica. Em todos eles nós procuramos de alguma maneira, continuar presentes. Primeiro pra demonstrar para os nossos clientes que nós pretendemos estar juntos num futuro, na alegria e na tristeza... se o empreendimento der errado, vai dar errado pra nós também, em alguns aspectos, então nós queremos estar juntos.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> LEITE, Carlos B. 48 anos. Depoimento. Junho de 2008, Jurerê Florianópolis. Entrevistadores: Thiago L. de Souza e Verônica P. Orlandi. Acervo do Laboratório de Estudo de Cidades.

Ou seja, segundo este testemunho, comunidade planejada passa pela idéia de permanência do planejador, ele segue no depoimento ainda tratando sobre comunidade planejada:

A outra questão é procurar acompanhar o crescimento desse empreendimento junto com essa comunidade que vai se formando, e ao longo desse processo, em função da nossa experiência ajudar essa própria comunidade a se estruturar. A Associação de moradores aqui, a AJIN, nós participamos da fundação... da primeira associação de proprietários e moradores de Jurerê internacional e como nós temos participado da formação e de operacionalização de todas as associações, de associações de moradores de todos os nossos empreendimentos. Inclusive em alguns empreendimentos se leva três ou quatro anos para conseguir fazer com que essa comunidade entenda que ela tem que se organizar, então isso aí faz parte da nossa política de desenvolvimento, pra acompanhar. Pra garantir que o filho tenha um bom período de educação, e de crescimento e depois siga em frente e se perpetue. Por que o maior que acho que nós podemos, que nós temos, é poder mostrar Jurerê pras pessoas. E quando se compara Jurerê com outras praias da ilha, ou com outras localidades da ilha, outros bairros... se vê que aqui é diferente. Não vou entrar na questão do perfil de consumo, etc, etc... vou só entrar na própria organização urbanística, ou seja, o parcelamento do solo aqui é completamente diferente ali de Ingleses, Rio Vermelho, Campeche...ou seja, aqui houve um planejamento e houve um cuidado na implantação desse planejamento. Então o que está construído em cima tem muito a ver com essa base, bem pensada, bem executada, e bem acompanhada ao longo desses anos todos.<sup>11</sup>

O controle e as distinções criadas servem para realizar a resignificação destes espaços urbanos. Jurerê Internacional acompanha um processo bastante interessante que vem sendo percebido em diversas cidades do mundo. Não é apenas o espaço que se torna mercadoria. A construção de imagens destes espaços também ganham importância mercadológica. Fernanda Sanchez, fala em um mercado mundial de cidades, e Florianópolis parece ter aderido a este conceito, isso significa que a cidade passa a sobreviver da venda de sua imagem, a cidade passa a ser consumida como um produto. Para que este consumo aconteça seguindo o exemplo de diversas cidades, o maior expoente hoje deste fenômeno é Barcelona na Espanha, passar pelo processo que a autora classifica como *city marketing* que é a consolidação da imagem publicitária da cidade.

Jurerê Internacional pega carona com Florianópolis nesta disputa entre as cidades-mercadorias, mas este processo pode ser perigoso por apagar as relações históricas e sociais, a cidade acaba se tornando vazia de sentido ou abstrata. Segundo Fernanda Sanchez “ objetivo do *city marketing* consiste na manipulação de padrões comportamentais desses públicos seletos, de modo a interferir nas decisões locacionais das empresas, nas decisões de consumo ou nas decisões relativas a destinos de viagem” (SANCHEZ, 2003: 59). Além do poder publicitário a Habitasul lançou mão de outros instrumentos, e focou na construção de uma

---

<sup>11</sup> Idem



comunidade ideal, a partir do planejamento urbano a construção de um modelo de cidade idealizada e artificial. No entanto é inerente ao ser humano a providencia de transformação e contestação, o planejamento acaba sendo alterado em diversos aspectos quando esta comunidade controlada começa a descobrir seu papel enquanto agente de transformação.

### **Considerações finais**

Entendo estarmos num momento de transição sobre a estrutura urbana habitada pelas classes média e alta, que em princípio habitavam residências no centro da cidade, em seguida foram morar nos condomínios verticais, os prédios de apartamento. Esses ofereciam possibilidades diversas de entretenimento interno, evitando ao máximo a necessidade de circular pela cidade. No decorrer dos últimos anos vem ocorrendo um retorno às residências, mas de maneira diferente, dentro de condomínios horizontais, os ditos condomínios fechados, localizados em áreas mais distantes do centro, mas oferecendo diversas vantagens para atrair consumidores e estimular os rendimentos dos empreendedores da construção civil.

O fenômeno de “interiorização” do espaço urbano na cidade já é observado há alguns anos nas grandes metrópoles, surgem como alternativas para escapar do ritmo acelerado de vida nos centros metropolitanos, da crescente violência urbana e outros problemas criados pelo alto fluxo e densidade populacional. Ou seja, estes “retiros”, ou enclaves, dentre os quais Alphaville em São Paulo talvez seja o mais famoso, estão se constituindo como espaços de sociabilidades controladas e acabaram tornando-se cidades exclusivas dentro da cidade, numa busca por qualidade de vida e status social.

Em Florianópolis o sucesso de um condomínio que em tese é aberto demonstra em certo ponto uma vitória das novas estratégias do *marketing* imobiliário. Essas se baseiam na constituição de um mercado turístico e na inserção da cidade num mercado mundial de cidades.

Tentamos com este trabalho estabelecer algumas linhas iniciais no entendimento de como a cidade moderna constrói seus espaços de segregação. Compreender de que forma o capitalismo, contribui na aquisição de um espaço idealizado, e o papel desempenhado por algumas estruturas, neste caso a Habitasul e a AJIN no sentido de providenciar a oferta de um espaço almejado. As resignificações deste espaço precisam ser compreendidas como processos históricos relevantes, e fazem parte da construção de uma nova cidade.

Jurerê Internacional, hoje, configura no plano metropolitano, como uma das válvulas de escape das camadas elitizadas. Porém, estas camadas também pressupõe conflitos conforme buscou-se evidenciar. Uma utopia urbana parece se constituir em torno do

residencial, que é consumido por muitos que almejam determinado tipo de experiência urbana.

A busca por um modelo ideal de cidade é um desafio. É preciso compreender, no entanto, que os modelos sempre mudam e serão eternamente reestruturados. No âmbito das cidades Fernanda Sanches destaca que “as imagens das ‘cidades-modelo’” aparecem como um estatuto conquistado pelo desempenho dos governos de cidades que, por meio de “vias práticas” conseguiram destacar-se na ação urbanística, ambiental ou nas práticas de gestão das cidades”(SANCHEZ, 2003: 263). Mas, em Jurerê Internacional esse “estatuto” é privado, e seu preço bastante alto.

Muitas possibilidades ficaram inexploradas neste trabalho, o material pesquisado é extremamente vasto, bem como os depoimentos que foram especialmente ricos. A comunidade construída em Jurerê Internacional caminha em direções diversas e se reveste de avanços e retrocessos que merecem cuidadosos olhares de pesquisadores em diversas áreas. Se Carlos Leite, diretor da Habitasul diz que o empreendimento é um laboratório do grupo, para experimentos e investimentos diversos no ramo imobiliário, é também laboratório fértil para pesquisadores das ciências humanas de modo geral, e certamente despertará interesses e aventará possibilidades de pesquisas diversas.

### **Referências Bibliográficas:**

- ANDERSON, Perry. *Passagens da antiguidade ao feudalismo*. Porto: Afrontamento, 1982.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005
- BRESCIANNI, Maria Stella. *História e Historiografia das Cidades, um Percurso*. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.), *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: EDUSP: Ed. 34, 2000.
- FANTIN, Márcia. *Cidade dividida: [dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis]*. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.
- MARCUSE, Peter. *Enclaves, sim; guetos, não: A segregação e o Estado*. In: Espaço e Debates, Revista de estudos regionais e urbanos, v. 24, nº 45, jan-jul. São Paulo: 2004.
- MARICATO, Ermínia. *Brasil, Cidades: Alternativas para a crise urbana*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Muito Além do Espaço: por uma História Cultural do Urbano*. In: Revista de Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 08, nº 16, 1995.
- SANCHEZ, Fernanda. *A Reinvenção das cidades para um mercado mundial*. Chapacó, Argos, 2003.

SCHORSKE, Carl. *A cidade segundo o pensamento europeu* – de Voltaire a Spengler. In *Espaços e Debates*, 27. Imagens e representações da cidade – Revista de Estudos Regionais e Urbanos – ano XII, NERV, São Paul:1989

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

\_\_\_\_\_. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

VELHO, Gilberto. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. 6. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002

ZALUAR, Alba. *Crime, medo e política*. In: ZALUAR, Alba & ALVITO, Marcos (orgs.). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.